de que fosse interpretado como propaganda política, adiou o projeto. A sugestão de Antônio e Gabriel, no entanto, foi o empurrão necessário. E suces-so de crítica e público, com famílias e estudantes elogiando. Antônio diz que ele e seus colegas não sabiam como seriam as aulas. Mas diz que a turma se entusiasmou e encheu os professores com dúvidas.

Viviane considera que o projeto faz com que os alunos se sintam ouvidos e destaca que as quatro classes foram um espaço para discutir política entre eles, sem a interferência das famílias, que "aceitaram muito bem porque nós temos uma parceria grande.""Elas entendem que a gente não faz um processo de doutrinar ninguém. Como confiam muito nesse posicionamento nosso, que educa para paz, para o bem, entendem que é muito imparcial. A gente não tem esse desejo, e sim de capacitar nossos meninos", conta

Antônio, por exemplo, afirma que só escolheu seus candidatos depois das aulas e antes fazia um voto mais emocional, a partir do que a família dizia. O mesmo ocorreu com Giulia

Interesse No Pio XII,

Antônio

pediu a Viviane que Klein Scurato, estudante do se discutisse 9.º ano do ensino fundamental do Colégio Rio Branco, de 15 política

anos. Em setembro e outubro, a escola realizou o Construindo Opiniões, incentivando atividades relacionadas à política. Para ela, a principal conquista é ter ferramentas para formar o próprio pensamento. "Antes do projeto, eu tinha uma certa noção, mas pelo que meu pai fala. O projeto ajuda a criar opiniões e a não ficar repetindo o que a gente ouve, o que é muito comum na nossa idade. Você não tem oportunida-

de de criar opinião. A leitura e as atividades ajudaram muito

nesse quesito", conta.

Debate. O Construindo Opiniões começou a ser planejado neste ano a partir de um questionário aplicado aos alunos do 9.º ano do fundamental ao 3.º ano do médio. Com as respostas, a coordenação pensou em cinco temas para que cada grupo de estudantes fizesse uma roda de discussão. Os assuntos preferidos foram representatividade de minorias no Legislativo e o fenômeno das fake news. Os principais pontos levantados pela turma eramapresentados emauditório aos outros estudantes.

"A análise de tudo começou a partir dos alunos", diz a coor denadora de História do Colégio Rio Branco, Lívia Botin. Assim como em outros colégios, o protagonismo do adolescente estava na essência do projeto. Por trás, havia a participa-ção de outros professores, que receberam materiais para também se preparar para o assunto e mediar as discussões

No horizonte, ela vê o deba-te sobre política ocorrendo todo ano na escola, e não a cada quatro anos. E, já que teve sucesso, ela quer manter o formato do programa em outros te-mas polêmicos nas Ciên-

cias da Natureza, por exemplo, como organismos geneticamenmodificados. "Acho que a gente foi bem ousado. Não sei se outras escolas topariam discutir esse tema agora. É algo que muita gente daria um passo para trás", comenta.

EDUCAÇÃO

BRINCADEIRA DE CRIANÇA CONSCIENTE

á quem acredite que é possível falar ⊥de política com crianças, até com aquelas que estudam no maternal. Talvez seja complicado falar das diferenças entre liberalismo e socialismo para os pequenos, mas é possível abordar a importância do voto para os pequenos, de 3 a 8 anos. É o que acredita a coordenadora pedagógica dos ensinos infantil e fundamental 1 do Colégio Vital Brazil, Káthia Kobal, que simulou urnas eletrônicas com candidatos para que os pequenos entendessem o processo eleitoral.

Os candidatos, é claro, não são os verdadeiros. Foram retirados do livro A Elei-ção dos Bichos (Companhia das Letrinhas), em que um leão, uma cobra, uma macaca e uma preguiça, com per-fis diferentes, disputam os votos do leitor. Saindo da teoria, Káthia e a equipe de Tecnologia da Informação docolégio criaram um sistema de votação com tela touchscreen, visualmente igual às urnas eletrônicas do TSE (e com o mesmo som característico) e com resultado em tempo real.

Durante uma manhã e uma tarde de sexta-feira, às vésperas do primeiro turno da eleição, professores fingi-ram ser mesários para que 780 crianças de 3 a 11 anos, com "títulos" de eleitor, votassem nos seus favoritos. Ànoite, o resultado mostrava que foi eleita a Preguiça, cujo slogan era "Juntos e sem pressa". "Conseguimos trazer um projeto gostoso para um momento conturbado", resume Káthia, rgulhosa.

Para ela, esse trabalho deve começar já na infância e com os pais. Só depois é que viria a participação da escola. "Esse projeto valida que não tem como ser adoles-cente e só aí falar de cidadania", afirma a coordenado-ra. "Isso começa desde as crianças pequenas." / G.G.



Simulação. Eleição com título e barulinho de 'confirma'

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PRESSREADER.COM +1 604 278 4604
COPPRIGHT AND PROTICTED BY APPLICABLE LAW